

Informativo sobre as vagas indígenas na Medicina + desestigmatização

*“Eu sou o que vejo de mim em sua face. Eu sou porque você é.”
Provérbio de tradição Zulu*

Este ano de 2022 foi marcado pela abertura de duas vagas para Medicina no vestibular indígena. Os estudantes serão recebidos no dia **15 de Agosto de 2022**, quando iniciarão um percurso formativo para adaptação ao curso, começando a graduação em 2023, junto à turma ingressante 61.



Estudante indígena realizando prova de acesso ao vestibular. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/banco-de-imagens/2022/04/11/prova-da-primeira-edicao-do-vestibular-indigena-unificado-unicamp>

Fica então o questionamento para cada um dos leitores. O que significa para você a chegada desses estudantes indígenas ao curso de medicina? Não, não iremos explicitar esses significados aqui. Na verdade, queremos que você, caro leitor, tenha a mente aberta e permita-se parar para refletir sobre isso o quanto antes.

Este texto é feito por pessoas de etnia não indígena, portanto limitado, sendo um convite à descolonização do senso comum e para a abertura sincera da universidade e da saúde aos indígenas, que criarão seu espaço dentro da FCM. A tarefa árdua de desestigmatização será sustentada aqui a partir das reflexões propostas por José Ribamar Bessa Freire, no artigo intitulado “*Cinco ideias equivocadas sobre o índio*”, e, assim, traremos algumas pontuações do autor seguindo a listagem dos cinco equívocos, acrescentando explicações e exemplos.

Antes de começarmos, uma provocação ao leitor desavisado: O termo “índio” não deve ser usado, pois é inapropriado e genérico, condiz com a tentativa de apagamento dessas identidades tão numerosas e diversas. A denominação “*Indígena*” é a mais adequada, uma

vez que o seu significado é “*natural do lugar em que vive*”. No entanto, antes de usar a palavra indígena, devemos estar cientes dessa diversidade de povos, e quando se referir a um indivíduo ou a um grupo específico, prefere-se usar o nome da etnia ou da comunidade a qual ele pertence.

1. Primeiro equívoco: o indígena genérico

Sim, aquela imagem romantizada, típica dos livros de José de Alencar, autor do romantismo brasileiro, que representa os indígenas, nunca foi verdade. O indígena nú, com arco e flecha, e enfeite de penas que inspira suas fantasias de carnaval e que estava presente dentre os desenhos que você coloriu no jardim de infância. Façamos aqui o esforço coletivo e permanente de não reduzir as identidades dos diversos povos indígenas a uma imagem estereotipada e colonizada pelo senso comum do pensamento ocidental.

Segundo o Censo IBGE 2010, os povos indígenas são pertencentes a mais de 305 etnias e 188 línguas diferentes. São 896.971 pessoas, sendo que 36% vivem em cidades. Sim, vivem em cidades, e ainda sim, preservam suas identidades e seus modos de expressar sua cultura. Caro leitor, habitue-se a nunca mais usar o termo aculturado para os indígenas que vivem nas cidades. Em 2018, um estudo do linguista tcheco Cestmir Loukotka estimou que em 1500 havia 700 línguas diferentes, observa-se que além da redução populacional, a invasão portuguesa causou também o epistemicídio, pelo apagamento de muitas línguas até então existentes. Até 10 de julho, no Sesc Pompeia, em São Paulo, será possível visitar a exposição denominada “*Amazônia*”, obra de Sebastião Salgado. Nela, os visitantes imergem em uma Amazônia protegida pelos povos da floresta, como aqueles de recente contato, localizadas no Vale do Javari, onde Bruno Araújo e Dom Phillips foram assassinados pelas mesmas motivações que há séculos ameaçam a permanência dos povos originários em solo brasileiro. Ademais, a exposição denuncia os crimes ambientais e humanitários que a sociedade ocidental e capitalista impõe aos mundos indígenas, que resultaram no assassinato de Bruno e Dom. Sebastião Salgado e sua obra nos convidam a refletir sobre a diversidade: como as etnias indígenas, sendo tão distintas entre si, nos colocam como responsáveis em garantir sua permanência na floresta, como único caminho possível para nossa viabilidade enquanto espécie e para respeito do direito de que os povos originários possam ocupar os espaços que desejarem, na florestas ou nas cidades, donos da sua identidade.

2. Segundo equívoco: culturas atrasadas

Os povos indígenas têm seus saberes, suas ciências, línguas, cosmologias e modos de reproduzir suas visões e interpretações sobre o universo. São, em geral, invisibilizados pelo pensamento ocidental, que assume, de maneira hegemônica, valores culturais pautados em uma sociedade de consumo e de bens materiais, como as armas, que por diferentes caminhos, inexoravelmente, nos levará à impossibilidade de permanência no planeta. Esta é a “civilização avançada” que nos representa. Para invalidar o pensamento de culturas atrasadas, vejamos alguns exemplos de aspectos culturais de diferentes etnias.

O povo Guarani Mbyá é reconhecido por uma rica cosmologia, pois dedicam-se a rituais que ocupam horas do dia e que, por vezes, transpassam a noite. Devido a isso, a religiosidade funciona aqui como elemento de manutenção da identidade desse povo, uma âncora que evita que “os costumes brancos” adentrem a aldeia e adoeçam as pessoas, fragilizando a comunidade tal qual aconteceu com seus vizinhos. A *Opy*, a casa de reza do

povo guarani, é o local sagrado para esse povo e inacessível ao *jurua* (boca com cabelo) como o povo Guarani Mbya se refere aos brancos.

Para os Kayapó, os saberes são muito marcantes em sua sociedade. Em 1992, no Museu Goeldi, localizado no Pará, ocorreu uma exposição sobre a ciência dos Kayapó. Foram apresentados “*conhecimentos sofisticados de plantas medicinais, agricultura, reciclagem de nutrientes, métodos de reflorestamento, pesticidas e fertilizantes naturais, comportamento animal, aprimoramento genético de plantas cultivadas e semi-domesticadas, manejo da pesca e da vida selvagem e astronomia.*” É curioso também a postura a respeito de sua ciência: há, dentre os Kayapó, especialistas nas áreas de conhecimento, mas ao mesmo tempo, o acesso a tais conhecimentos é livre, qualquer um poderia dominá-los para aplicação na vida cotidiana.

Outro exemplo sobre o conhecimento a respeito da natureza, o saber indígena poderia ter evitado os desastres em Angra dos Reis e Belo Monte. Como já é de conhecimento público, o acidente da usina nuclear de Angra dos Reis ocorreu por deslizamentos de terra devido à alta sobrecarga naquele terreno. Muito antes da construção da Usina, os Tupinambás denominaram àquela terra de *Itorna*, que significa “pedra podre”. Aí jaz o equívoco marcado pelo preconceito aos saberes dos Tupinambás, acarretando em desperdício de 8 bilhões de cruzeiros.

Em Belo Monte, foi identificado pelos povos tradicionais que vivem na Volta Grande do Xingu, que os peixes estavam em extinção devido à redução da alimentação, pois os frutos das árvores que alimentam muitos peixes herbívoros não estavam caindo no rio, devido à redução significativa do seu volume.

Os povos indígenas também possuem grande acervo literário. São incontáveis as quantidades de poesias e narrativas que deveriam ser reconhecidas e valorizadas como parte da literatura nacional e patrimônio cultural da humanidade, mas que não o são pela desconsideração ocidental à tradição oral indígena. A literatura indígena também conta com um rico repertório de narrativas sobre lendas, vivências e práticas educativas que valorizam o bem viver, que deveriam fazer parte do currículo educacional do país, mas que são substituídas por fábulas estrangeiras. Daniel Munduruku, Ailton Krenak e Davi Kopenawa, representariam o Brasil na Academia Brasileira de Letras ou tendo uma das suas obras na relação de obras literárias obrigatórias do próximo vestibular da Unicamp.

Algumas pessoas que já subestimaram a literatura indígena, ao se aproximarem dela, não só quebraram seus falsos paradigmas e reconheceram essa arte, mas também passaram a desempenhar um importante papel ao registrá-las. Como exemplo, temos o caso do general Couto Magalhães, figura que já foi presidente de três províncias no Brasil Império, detentor de todos os preconceitos contra indígenas. Em uma viagem de barco ao Pará, ele se deparou com uma cena na qual um indígena contava histórias em *Nheengatu* para uma roda de pessoas e entretinha muito o seu público. Sem entender nada, o general quis aprender aquela língua pela curiosidade de ouvir as histórias, apaixonando-se por fim pela literatura *Nheengatu* e reconhecendo o “povo altamente civilizado” com uma literatura “equiparada à grega” e recolhendo registros dela.

3. Terceiro equívoco: culturas congeladas

Este equívoco tem estreita relação com a imagem do indígena genérico, aquela imagem estática, concebida na carta de Pero Vaz de Caminha e reproduzida desde então. Infelizmente, tem-se a ideia de que qualquer indígena que se distancie dessa imagem perdeu sua identidade como indígena. Trata-se de um preconceito historicamente criado

para exclusão desses povos. Não há perda de autenticidade ao incorporar elementos externos. Se você chegou até aqui, mais uma vez pedimos para não usar o termo aculturado. Tratamos de culturas que são dinâmicas com identidades preservadas, na aldeia ou na universidade.

O filme “A febre”, disponível na Netflix, nos fornece uma cena próspera para esse entendimento: o protagonista Justino, um homem de etnia da família Desana, conversa com um colega de trabalho, um homem não indígena, na troca do turno, e, enquanto Justino passa o equipamento de segurança para esse colega, ao pegar a arma e colocar na cintura, o colega relata que está acostumado a manusear a arma, pois já trabalhou em uma fazenda em que precisava defender a propriedade de “índios” com arco e flecha, de “índios de verdade” e não “índios” como Justino... Justino não se dá ao trabalho de tecer alguma resposta e seu olhar já nos transpassa o ensinamento que precisamos. Transportando este preconceito aos dias atuais, a aquisição de elementos ‘ocidentais’ como relógios, jeans, smartphones e internet não desapropria a pessoa da sua origem indígena. Ou seja, não há uma categoria “*ex-índio*” para aqueles que não correspondem à imagem preconceituosa a respeito dos indígenas; assim como não existe o “*ex-brasileiro*”, mesmo que a quase totalidade dos instrumentos e parte dos conhecimentos que utilizamos diariamente não tenham origem brasileira e vieram incorporados de outras civilizações.



Foto retirada do filme “A febre”, disponível em <https://www.cineset.com.br/wp-content/uploads/2020/06/A-Febre-Maya-Da-Rin.jpg>

Essa mudança e dinamicidade dos povos indígenas é inevitável, como é para todos os outros, e conseqüentemente, as suas culturas moldam-se (a vivacidade da cultura faz parte da sua definição). As culturas mudam, mesmo porque elas têm pontos de contato umas com as outras, trata-se de interculturalidade, e elementos podem ir e vir, serem incorporados ou não, permanecer ou não. O importante é que isso seja sempre a escolha das comunidades indígenas.

4. Quarto equívoco: os índios pertencem ao passado

Parece falso, mas alguns ainda acreditam que os povos indígenas são “*primitivos*”, uma herança dos tempos do Brasil colônia e que permaneceu para legitimar a dominação, estendendo-se por meio das vertentes evolucionistas do século XIX. Que os preconceituosos passem com este fato: as comunidades indígenas integram o Brasil de hoje apesar de todas as tentativas de apagamento, são corpos ativos que influem no tempo

presente e tem uma produção cultural vibrante (sim, mesmo que você não veja, tem muita coisa acontecendo).

Um exemplo desta resistência é o do Bairro Amarelo, localizado no norte da ex-Berlim Oriental. Esse local, nos tempos de mundo bipolarizado, era considerado pelos moradores como triste, horrível e depressivo demais para se querer retornar para casa no final do dia de trabalho. Com a queda do muro de Berlim, esses moradores receberam o direito de uma reforma e foram consultados como queriam que o conjunto habitacional fosse. Eles pediram por algo que contrapusesse aquela angústia e escolheram por arte indígena contemporânea. A equipe de arquitetos teve um trabalho árduo para selecionar a arte específica, uma vez que no Brasil, são cerca de 305 povos indígenas e todos tem produções artísticas gráficas. A arte escolhida foi dos Kadiwéu, mais especificamente, das mulheres artistas Kadiwéu, e sem mais delongas, a reforma foi um grande sucesso. Os quadros e os grafismos do pintor e escritor macuxi Jaider Esbell (1979-2021) foram os mais representativos e visitados da 34a. Bienal de Arte de São Paulo. O artista makuxi evidencia a ausência de separação entre o indivíduo e o coletivo entre o espiritual e o material quando pinta a cosmogonia macuxi. A obra de Jaider, drasticamente atual, se confunde com sua própria história, em que vida e morte são inseparáveis.



*Pintura dos Kadiwéu no Bairro Amarelo, disponível em:
http://www.taquiprati.com.br/arquivos/enviados/ckeditor/images/kadiweu_14.jpg*

5. Quinto equívoco: o brasileiro não é índio

O leitor já parou para pensar o quanto não faz sentido nos considerarmos brasileiros sem considerarmos a matriz indígena e sem nem nos ressentirmos pelo apagamento de parte que nos constitui? Existe uma enorme desconsideração de nós mesmos pela nossa matriz indígena. E essa desconsideração é um erro que prejudica a nós mesmos. A ausência indígena na cultura brasileira, na rotina, na educação e na saúde deixa um imensurável vazio em nossa identidade. Darcy Ribeiro nos ensina que a unidade constituinte do povo brasileiro, não pressupõe nenhuma uniformidade. Portanto, estamos no espaço de preservação e respeito às identidades.

Entender e respeitar o outro é fundamental para conseguirmos criar uma sociedade sólida. Mais do que nunca, devemos nos fortalecer como grupo unido, docentes, funcionários, discentes e comunidade para que possamos tornar este ambiente o mais acolhedor

possível aos diferentes grupos étnicos e sociais na nossa FCM. E o primeiro passo para conseguirmos isso é buscar conhecer quem é o outro.

Texto desenvolvido pelas alunas Branda de Oliveira de Lima (5º ano de Medicina – turma 56) e Giovana Daghia Pacheco (3º ano de Medicina – turma 58) com apoio do Prof. Dr. Paulo Afonso Martins Abati, infectologista e especialista em Saúde Indígena, e revisão compartilhada com demais docentes do grupo de trabalho para acolhimento do estudante indígena da FCM.